

Oferta do banqueiro

A proposta é do presidente da União dos Bancos Suíços. Mas o

O presidente da União de Bancos Suíços, Robert Holzach, sugeriu durante almoço, ontem, com o ministro da Fazenda Ernane Galveas, que parte da dívida brasileira com a instituição seja transformada de dólar em franco suíço, com juros fixos correspondentes a quase a metade das atuais taxas de juros da moeda norte-americana, cobradas em função das flutuações do mercado.



das relações entre credores e devedores, avaliem a extensão do esperado avanço do México e disporem de uma situação interna bem melhor, sobretudo na área externa e na tendência de queda da inflação.

No mercado suíço, no entanto, há receptividade para a colocação dos bônus brasileiros, embora com um pequeno deságio, explicou Robert Holzach, ao lembrar que, há quatro anos, bônus do Brasil foram vendidos sem dificuldades na Suíça.

Mas para o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, (foto), "o País não tem necessidade de apressar o início efetivo da próxima etapa de renegociação da dívida e pode esperar até novembro". Isto porque, até lá, haverá melhores indicadores internos para apresentar aos banqueiros e, ainda, poderá avaliar o desfecho das negociações de outros países.

O próprio ministro Ernane Galveas e o presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, procuraram frisar a Holzach de que "ao contrário dos últimos dois anos, o Brasil dispõe de excelente posição de caixa para acertar o melhor momento de negociar com os credores".

Holzach propôs também que a arcela do principal da dívida brasileira, a vencer junto com a União de Bancos Suíços, seja transformada em bônus a serem colocados no próprio mercado suíço.

Para Robert, as taxas de juros do dólar no mercado externo são demasiadamente elevadas e espera que elas se reduzam para, depois, se estabilizarem. Explicou que os empréstimos da União de Bancos, como são em dólar, têm de se sujeitar às taxas do mercado externo, mas, se transformados em franco suíço, podem ter os encargos bastante diminuídos.

Uma parte da dívida brasileira em dólar já foi transformada em franco suíço, segundo o presidente da União de Bancos, com juros fixos médios de 7% ao ano (contra uma taxa flutuante do dólar, hoje, de 13%) e prazos de oito a nove anos. Ele não especificou o montante da dívida transformada em franco suíço, apenas disse que foram "algumas centenas de milhões".

O Brasil deve o equivalente a cerca de 2,5 bilhões de dólares a bancos suíços, sendo que a União de Bancos é o maior credor, embora Holzach se tenha negado a informar o total de seu crédito para com os brasileiros. As propostas de transformação da dívida e a colocação de bônus no mercado suíço serão estudadas pelo governo brasileiro. Porém, como a situação é favorável ao Brasil, chegando o Banco Central a projetar o adiamento da renegociação de agosto ou setembro para novembro, as autoridades brasileiras vão esperar pela Assembleia Anual do Fundo Monetário/Banco Mundial, no final de setembro, em Washington, para sentirem as mudanças favoráveis no clima político

O presidente da União de Bancos se disse impressionado com os bons resultados que o Brasil vem conseguindo em busca da solução dos seus problemas de balanço de pagamentos, dívida externa e em relação às exportações. Mas ressaltou que pelo menos dois problemas ainda são incógnitos: a redução dos níveis da inflação e o comportamento do próximo governo, que pode vir a ser de oposição em relação à política econômica. Para Holzach, qualquer que seja o próximo governo, a questão da dívida deve ser discutida de forma que a solução seja de interesse dos dois lados: os devedores e os credores. Neste aspecto, adiantou que os prazos de pagamento de empréstimos a determinados projetos, por exemplo, devem ser compatíveis com os cronogramas de obras, de forma que os juros e o principal sejam pagos com o resultado da produção ou da venda do serviço do projeto.

E será justamente depois de analisar o quadro político que o Brasil anunciará o hiato de recursos projetado nos balanços de pagamentos de 1985 e nos subsequentes, para definir a necessidade de dinheiro novo a ser tomado através de novo empréstimo-jumbo ou — mais remotamente — compensado com a capitalização parcial dos juros.

Segundo Madeira Serrano, na mesa de negociações, a partir do mínimo necessário para o ajuste das contas externas, o Brasil examinará a conveniência de pedir um jumbo menor ou manter o nível de 6,5 bilhões de dólares. Na segunda hipótese, o País elevaria ainda mais o nível de reservas cambiais brutas, já estimado em 11 bilhões de dólares para o final deste ano, dentro do conceito tradicional do balanço de pagamentos, e daria ao próximo governo opção importante para acelerar a retomada da atividade econômica.

Embora, como disse Robert Holzach, não seja possível "prever quando e em que proporções as taxas de juros no mercado internacional irão cair, pois isto depende de vários fatores que mudam a cada dia". Acrescentando que entre as razões para a União de Bancos se oferecer para renegociar a dívida brasileira "está a de que as reservas da instituição, hoje, estão muito mais fortes do que muitos bancos de outros países.

Brasil quer deixar a renegociação da dívida para novembro.

para baixar juros

JNDO

JORNAL DA TARDE — 9